O COMÉRCIO MUNDIAL E O CRESCIMENTO AMERICANO

LIA VALLS
Coordenadora de Projetos/IBRE

Entre 1990 e 2000 o crescimento médio anual do PIB americano foi de 3,3%; no Japão, de 1,3% e na União Européia, de 2%. A partir de 1997 a economia dos Estados Unidos iniciou um ciclo de expansão registrando taxas de crescimento que variaram de 4,4% (1997) a 4,1% (1999 e 2000). No segundo semestre de 2000 o ritmo de crescimento econômico começa a diminuir. O último dado divulgado pelo Bureau of Economic Analysis, órgão do governo, mostra uma variação de 0,7% entre os segundos trimestres de 2001 e 2000.

Organismos internacionais como o FMI e a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) consideram que o menor crescimento da economia americana será passageiro e apostam num novo ciclo expansivo, a partir de 2002. Como toda projeção econômica, esta também é sujeita a uma série de qualificações, como a correção nos preços das ações associadas aos setores de novas tecnologias.

Possíveis quedas acentuadas nesses ativos poderão demandar um maior tempo para a recuperação da economia americana. Analistas menos otimistas consideram que o período do *boom* nos Estados Unidos na segunda metade da década de 90 não será retomado logo. A queda de 13,6% nos investimentos não-residenciais no segundo trimestre de 2001 e o pequeno incremento nas despesas de consumo pessoal (2,1%) sugeririam um período mais prolongado de menor ritmo na atividade econômica. O corte nas taxas de juros de mercado de 6,71% para 3,61% entre junho de 2000 e junho de 2001 ainda não surtiu efeito. Até que ponto novas reduções serão suficientes para estimular a demanda ainda não está claro.

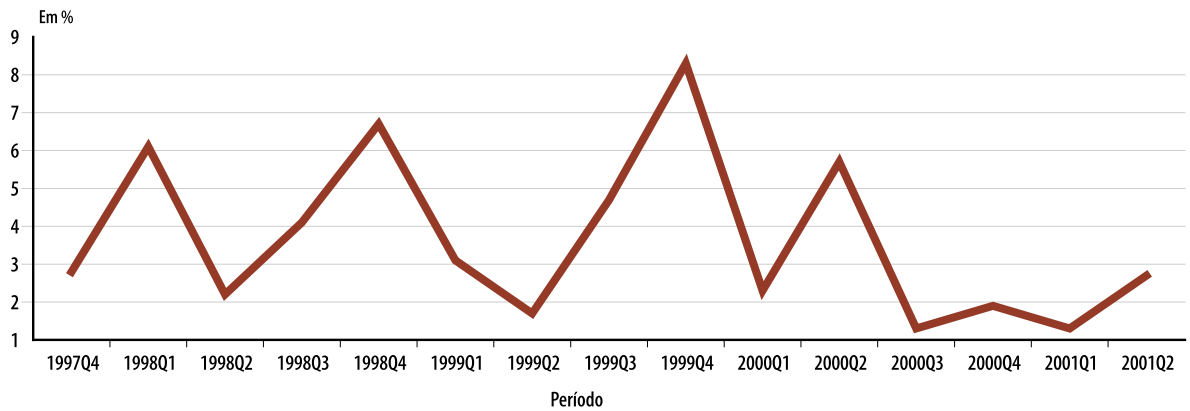
O pior desempenho da economia americana tem suscitado temores quanto ao risco de uma recessão mundial. A questão não é apenas o peso dos Estados Unidos na economia mundial, mas também a suposição de que outros grandes países industriais não teriam condições de alavancar um ciclo de expansão no curto prazo. No caso do Japão, este parece ser um cenário distante, dependente de reformas que permitam um incremento da demanda doméstica.

A União Européia apresentaria melhores prognósticos em 2001. Segundo o *World Economic Outlook* (OCDE, junho de 2001), a União Européia deverá crescer 2,6%, enquanto os Estados Unidos 1,7%. No entanto, informações mais recentes apontam possíveis mudanças nas estimativas para os países europeus, devido à piora no desempenho na economia alemã, em especial. Somando-se a isso os europeus relutam em diminuir as taxas de juros temendo repercussões inflacionárias em alguns países. Assim, não se confirmando o crescimento nos Estados Unidos para 2002 (3,1%) são maiores as possibilidades de perdurar o baixo crescimento da economia mundial.

Um dos canais clássicos de repercussão da piora do desempenho da economia americana sobre o resto do mundo é pela retração da demanda de exportações. Na comparação dos dados acumulados dos primeiros semestres de 2001 e 2000, as importações americanas registram um aumento de 0,9%. Nota-se, porém, que desde janeiro as importações vêm caindo mensalmente, passando de US$104 bilhões para US$96 bilhões em junho, sendo esperada uma variação negativa no fim do ano. Além disso, o dólar forte no primeiro semestre teria atenuado os efeitos da menor demanda americana. Os dados da tabela apresentada neste artigo mostram a interdependência através dos fluxos comerciais das principais regiões do mundo.

Os países industriais exportam cerca de 70% para os mercados dos países industriais. Este resultado é influenciado pela União Européia, cujas exportações se destinam prioritariamente para a própria região (60%). Se excluirmos o comércio intra-regional, os Estados Unidos aparecem como principal parceiro, tendo elevado a sua participação

CRESCIMENTO DO PIB AMERICANO



Fonte: Bureau of Economic Analisys. Elaboração: IBRE/FGV.

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL: 1993 E 2000 (EM %)

Regiões exportadoras		Países industriais				Países em desenvolvimento			
		Total	Estados Unidos	União Européia	Japão	Total	Américas	Ásia	África
Países industriais									
	1993	70,5	13,1	43,5	3,8	28,4	5,3	13,3	2,1
	2000	71,0	15,5	43,1	3,3	28,3	6,3	12,6	1,7
Estados Unidos									
	1993	57,6	–	22,0	10,3	42,4	16,8	17,7	1,4
	2000	55,0	–	21,1	8,3	43,8	21,4	17,1	1,0
União Européia									
	1993	77,1	7,2	60,0	1,9	21,1	2,5	6,3	2,7
	2000	77,6	9,4	60,7	1,8	21,1	2,5	5,6	2,3
Alemanha									
	1993	75,2	7,4	54,2	2,5	24,6	2,5	7,4	1,8
	2000	75,2	10,3	56,1	2,2	24,4	2,6	6,2	1,4
Comércio Extra-Bloco*									
	1993	37,8	17,9	–	4,9	51,3	6,2	15,3	6,5
	2000	42,9	24,0	–	4,7	53,7	6,4	14,2	5,8
Japão									
	1993	51,4	29,5	16,6	–	48,6	4,4	37,7	1,8
	2000	50,6	29,8	16,3	–	49,5	4,0	41,4	0,9
Países em desenvolvimento									
	1993	57,3	21,5	22,2	10,1	40,6	4,6	25,4	1,8
	2000	58,8	24,4	21,5	9,0	39,5	4,4	25,5	1,7
Américas									
	1993	70,5	46,8	17,8	3,9	28,7	20,3	4,9	0,9
	2000	73,2	53,4	12,5	3,0	23,9	17,4	3,8	0,7
Brasil									
	1993	55,6	20,8	26,7	6,0	43,3	25,2	9,9	2,2
	2000	58,7	23,3	28,9	4,7	41,2	26,5	7,4	1,9
México									
	1993	93,2	83,1	5,1	1,3	6,7	5,4	0,8	0,01
	2000	94,0	83,5	5,2	1,4	5,7	4,5	0,9	0,5
Ásia									
	1993	52,9	21,8	15,5	12,6	46,0	2,4	37,1	1,4
	2000	54,2	23,1	15,2	11,5	45,4	2,5	37,7	1,3
China									
	1993	52,2	18,7	13,5	17,3	46,9	1,7	36,8	1,3
	2000	59,6	26,5	12,6	14,3	40,2	2,1	32,8	1,3
Coréia									
	1993	49,8	22,2	12,1	14,1	45,7	5,6	31,5	1,8
	2000	50,1	21,6	9,7	10,8	46,8	5,5	33,1	1,9
África									
	1993	67,3	17,4	40,5	3,6	22,2	2,5	7,3	8,4
	2000	65,8	17,8	41,5	3,2	27,1	3,3	10,6	8,9

Fonte: Direction of Trade Statistics, Fundo Monetário Internacional.
*Exportações da União Européia exclusive as exportações realizadas entre os 15 países da União.
Países industriais: Estados Unidos, Canadá, Austrália, Islândia, Noruega, Suíça e os 15 países da União Européia.
Os dados de 2000 são preliminares.

de 17,9% para 24% entre 1993 e 2000. Entre os países em desenvolvimento o principal mercado é o dos países asiáticos, seguido dos países europeus em desenvolvimento (não descritos na tabela). A participação do mercado das Américas em desenvolvimento aumentou em detrimento do mercado africano, cuja participação de 6,5% era superior ao primeiro (6,2%), em 1993.

No Japão a participação dos Estados Unidos se manteve estável em cerca de 30% e também da União Européia (16%). Há um incremento expressivo dos mercados asiáticos em desenvolvimento de 37,7% para 41,4%. A Coréia e a China explicam, cada uma, 15% das exportações para o mercado Ásia em desenvolvimento.

A pauta de exportações americana mostra uma crescente importância do mercado das Américas, com peso similar ao da União Européia em 2000, cerca de 21%. Excluindo-se o México, a participação do resto das Américas cai de 7,9% para 7,5% na pauta total dos Estados Unidos. Em termos de crescimento total entre 2000 e 1993, no entanto, as exportações para o México aumentaram em 161% e as do resto das Américas, em 113%.

Para os países em desenvolvimento o principal mercado entre os países industriais é o dos Estados Unidos, exceto apenas para a África. As Américas se destacam com o maior grau de dependência em relação ao mercado americano e com um percentual relativamente baixo no comércio intra-regional. Na Ásia, esse comércio é de 37,1% e nas Américas caiu de 20,3% para 17,4%. Nota-se que os resultados para as Américas são influenciados pela estrutura da pauta mexicana, cujas exportações representaram 42% do total exportado pelos países em desenvolvimento do hemisfério ocidental em 2000. No caso brasileiro, a União Européia permanece como principal destino das exportações e os países hemisféricos em desenvolvimento explicam 26% das exportações.

No grupo dos países da Ásia, a participação dos Estados Unidos aumentou de 21,8% para 23,1%. Ressalte-se um aumento de 18,7% para 26,5% das exportações chinesas para os Estados Unidos no período analisado, impulsionadas pelas zonas de processamento de exportações na região. Na Coréia, a participação se manteve em cerca de 22%. Nessa região especificamente, seria possível pensar um cenário similar ao dos anos 80, quando os países apresentaram altas taxas de crescimento impulsionadas em parte pelo desempenho da economia japonesa. O problema principal é que não há expectativas de um ciclo de expansão vigoroso no Japão no curto prazo.

Os dados permitem extrair apenas uma visão geral do vínculo de interdependência comercial entre as principais regiões. De forma geral, pode ser concluído que a expansão americana da década de 90 com um dólar relativamente valorizado tendeu a elevar ainda mais a participação dos Estados Unidos como destino das exportações das principais regiões.

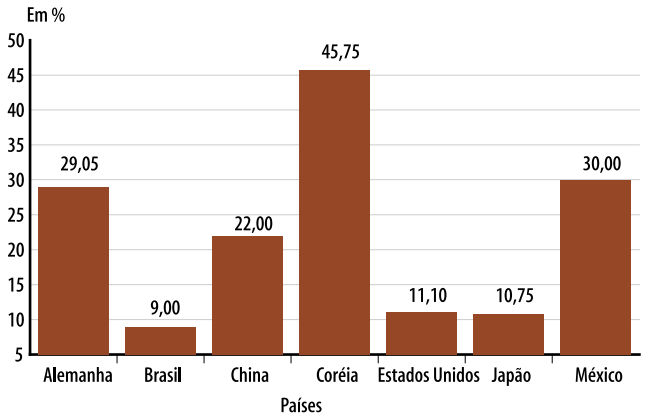
A importância da demanda externa americana no crescimento do resto do mundo depende não só do peso do mercado dos Estados Unidos no destino das exportações, como também da participação das exportações na geração de renda de cada país ou região. Na Coréia, no México e na Alemanha a participação das exportações no PIB é relativamente alta, de 46%, 30% e 29%, respectivamente. Não é por acaso que estes países já mostram sinais de terem sido afetados pela retração da demanda americana. Já no Japão, o percentual é de 10,7%, confirmando a idéia de que a recuperação dessa economia depende principalmente de um estímulo à demanda doméstica. Para o Brasil, o coeficiente é de 9%. O problema neste caso é que, diferentemente do Japão com elevada taxa de poupança doméstica, a piora na balança comercial acentua a vulnerabilidade da economia pela elevação do déficit em transações correntes e impõe restrições ao crescimento econômico.

Um dos riscos de um cenário mais prolongado de redução do crescimento americano suscita temores quanto ao ressurgimento de demandas protecionistas nos Estados Unidos. No início da década de 80, baixo crescimento e um dólar extremamente valorizado levaram à proliferação de barreiras não-tarifárias nos Estados Unidos. Não havia uma Organização Mundial do Comércio (OMC), mas o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), que cumpria este papel de forma provisória, era considerado por muitos "um acordo em fase de extinção". Hoje há dúvidas sobre o grau de disciplina que a OMC consiga impor. Alguns têm considerado que se for repetido o fracasso de Seattle, começarão a surgir dúvidas quanto ao papel da OMC na regulamentação do comércio mundial.

Finalmente, num mundo de elevado grau de interdependência por causa dos fluxos financeiros e estratégias de investimentos globalizadas, as decisões dos investidores americanos diante das mudanças nos Estados Unidos influenciam o resto do mundo.

EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS COMO PERCENTAGEM DO PIB

(1998 -1999)



Fonte: World Bank – Country Tables. Elaboração: IBRE/FGV.